

O escritor Abreu e Lima: uma análise dos *Escritos* que seguiram o *Itinerário* de Frei Caneca

Tatiane Maria Barbosa de Oliveira¹

O trabalho aborda José Ignácio de Abreu e Lima (1794-1869) como homem de letras no século XIX, o qual, além de ser General de Simón Bolívar (1767-1830), teve destacada contribuição na nascente historiografia literária brasileira, com ensaios que se apresentam tanto como síntese histórica, bem como declarações de propósitos para a instituição de uma literatura para o país. Como objetivo, pretendemos fazer um resgate de seu papel como escritor a partir do estudo dos *Escritos* (1824), que seguiram o *Itinerário* (1824) que fez Frei Joaquim do Amor Divino Caneca (1779-1825), afim de interpretar os discursos oriundos do testemunho de Abreu e Lima a um personagem da história brasileira, Frei Caneca. Abreu e Lima descreve os acontecimentos que se seguiram após o momento em que Frei Caneca parou de escrever e complementa o perfil do Frei com dois sonetos dedicados ao religioso. O *Itinerário* do Frei encontra-se publicado pela Coleção *Formadores do Brasil* (1994), mas a parte que segue neste *Itinerário*, de autoria do General, é inédita, que se encontra no Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano (IAHGP). A partir das fotos dos *Escritos*, realizamos um trabalho de transcrição, utilizando a edição paleográfica, e mantendo as Normas Técnicas para Transcrição e Edição de Documentos Manuscritos (NTTEDM), previstas nos anos de 1990 e 1993, que teve como objetivo padronizar as atividades para documentação brasileira. Quando tratamos mais a fundo a historiografia literária, convém destacar que abordaremos dois pontos desta área: o de retomar o pensamento de Abreu e Lima, sobretudo, num período que vai entre os anos de 1825 e 1845, momento de formação de uma literatura brasileira, conduzida pelo Romantismo e pela construção do Estado Nacional, o segundo, em se avaliar como um escritor que não se firmou na ficção pode ser abordado em uma história literária.

Palavras-chave: Historiografia Literária. Abreu e Lima. Escritor.

¹Mestra em Literatura Brasileira pela USP. É orientanda do Prof. Dr. Ricardo Souza de Carvalho na linha de pesquisa “Historiografia e Crítica literárias”. Atua na diretoria de pesquisa do Instituto Abreu e Lima. E-mail: tatianebarbosa@usp.br

Breve trajetória de Abreu e Lima

José Ignácio de Abreu e Limanasceu no dia 06 de abril de 1794, no Engenho Casa Forte, no Recife. O fato de ter pertencido a uma família de revolucionários, sobretudo, por influência de seu pai, foi uma das razões que, provavelmente, levou Abreu e Lima a seguir a carreira militar. Ao terminar o primeiro ano no Seminário de Olinda, Abreu e Lima foi para o Rio de Janeiro, “onde foi aceito como aluno na Real Academia Militar”², formando-se como capitão de artilharia e professor de matemática³, em 1816. No início de 1817, ele vai ser preso na Bahia por ter participado de crime de assuada em Olinda⁴. Meses depois, eclode a Insurreição de 1817, e Abreu e Lima teve que presenciar ao lado de seu irmão, o fuzilamento do pai, o Padre Roma⁵, José Joaquim Ignácio Ribeiro de Abreu e Lima (1768-1817), que aconteceu no Campo de Sant’Anna, na Bahia.

A vida de Abreu e Lima foi marcada por este acontecimento, desde então, ele decidiu lutar pela liberdade dos povos. Ele vai para a Venezuela integrar como capitão de artilharia o exército e o ideal de Simón Bolívar (1783-1830), participando de todas as batalhas ao lado dele. Abreu e Lima começou cedo desenvolvendo atividades nas letras, atuando na redação do *Correo del Orinoco*, semanário em oposição à reacionária *Gaceta de Caracas*. Mesmo quando começaram as campanhas libertárias, Abreu e Lima continuou escrevendo, pois foi designado para redigir boletins de batalhas⁶. Em 1826, chegou a escrever seu primeiro trabalho estando a serviço da Grã-Colômbia, as *Memórias Sobre os Limites Entre o Brasil e a República da Colômbia*, a pedido do general Santander. Dois anos depois, por incumbência do Libertador, escreveu o *Resumen histórico de la última dictadura del Libertador Simón Bolívar; comprobada con documentos*, publicado em periódicos e panfletos de época entre os anos de 1828 e 1830, e que foi considerado como um dos pioneiros trabalhos biográficos sobre Bolívar.

²A informação aparece em Mattos, 2007, p. 25, mas ela não cita a fonte.

³A informação aparece em Mattos, 2007, p. 26.

⁴A informação aparece em Mattos, 2007, p. 27.

⁵Nome que recebeu por ter sido ordenado sacerdote na sede da cristandade ocidental e conservara apesar de ter largado a batina para se casar (MATTOS, 2007, p. 23).

⁶Chacon, 1983, p. 85.

De volta ao Brasil, participou da vida política do país, e entre seus feitos, filiou-se ao partido Caramuru, apoiou a Monarquia e a Maioridade de D. Pedro II. Envolveu-se em diversas polêmicas, sobretudo, a travada com o Cônego Januário da Cunha, que merece ser mencionada por conta das relações do General com o IHGB. No fim da vida ainda travou uma polêmica religiosa, mais tarde conhecida como “*O Bispo e o General*” (1973). Por defender a liberdade religiosa, ao falecer em oito de março de 1869, Abreu e Lima teve a sepultura em solo brasileiro negada pelo Bispo Cardoso Aires, sendo sepultado no Cemitério dos Ingleses, no Recife.

Além de general, Abreu e Lima teve intensa atividade nas Letras do período. O *Bosquejo* é a obra que marca o retorno de Abreu e Lima ao seu país. Nos capítulos “Paralelo entre o nosso estado moral e o dos nossos vizinhos e conterrâneos” e “Nosso estado intelectual: conclusão”, Abreu e Lima trata mais a fundo as questões literárias e a causa do atraso intelectual do Brasil, que foram pertinentes para as discussões sobre a historiografia de nossa literatura. Ao analisar os principais livros de História da Literatura Brasileira, observamos que há uma disparidade nas abordagens dos críticos sobre a participação de Abreu e Lima na literatura, e isso pode ser exemplificado apenas ao comparar o trabalho de três destes autores.

Sílvio Romero, na *História da Literatura Brasileira* (1888), no capítulo do panorama do Romantismo menciona Abreu e Lima entre os intelectuais que se reuniam no IHGB, integrando-o ao círculo de homens de letras daquele momento. José Veríssimo em sua *História da Literatura Brasileira* (1916), que vai de Bento Teixeira a Machado de Assis, o nome de Abreu e Lima não podia passar despercebido, e logo na parte sobre a oratória política a partir de 1823, momento em que destaca a atividade literária dispersiva na Província de Pernambuco, Veríssimo observa que Abreu e Lima deixou na sua terra natal, e no Brasil ilustrado, o renome de um polígrafo notável. Tanto Romero como Veríssimo vão analisar os aspectos da linguagem presentes em livros de Abreu e Lima, o que não acontece com a *Formação da Literatura Brasileira* (1959) de Antônio Candido, que mesmo na parte dedicada ao embrião da historiografia literária, ou nas biografias de alguns homens ilustres da província de Pernambuco, Abreu e Lima não é destacado. Apenas no capítulo VIII, da “Consciência Literária”, ele é citado brevemente na parte sobre a teoria da literatura brasileira, quando Candido menciona

nomes que contribuíram para firmar o nacionalismo, Januário, Magalhães e Pereira da Silva, que refutavam “as ideias defendidas por Abreu e Lima”, Gama e Castro, e Nunes.

Abreu e Lima também publicou o seu *Compêndio da História do Brasil* (1843) e a sua *Sinopse ou Dedução Cronológica dos fatos mais notáveis da História do Brasil* (1845), livros que contribuíram no ensino de História do Brasil, e eram usados nas escolas do Império. Além destes livros, Abreu e Lima escreveu sobre religião, direito criminal, medicina, entre outros, os quais não receberam reedições posteriores, o que nos parece pelo simples fato que o conhecimento de alguns deles, como medicina, foram logo ultrapassados com o passar do tempo, ou pela mudança do contexto histórico do país. Impulsionado pelos eventos que acompanharam seu trajeto, podemos dizer que o contexto militar influenciou seus primeiros escritos, e Abreu e Lima destacou-se primordialmente, e ao longo do trabalho com as letras, como um escritor da política e da história, e não se aventurou pela ficção. No entanto, ele experimentou o trabalho com gêneros literários diferentes.

Os Escritos que seguiram o Itinerário de Frei Caneca

Um dos trabalhos que Abreu e Lima escreveu está nomeado como *Escritos*, e ainda não foi publicado. O documento é uma cópia do original, que foi manuscrito por Joaquim Pinto Lapa, a pedido de Domingos de Sampaio Ferraz, possuídos de dito original, a fim de oferecer dita cópia ao Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano (IAHP), datada de agosto de 1921, e integra parte do acervo de Abreu e Lima que está no Instituto. Trata-se dos *Escritos* que seguiram o *Itinerário de Frei Joaquim do Amor Divino Caneca, saindo de Pernambuco a 16 de setembro de 1824, para a província do Ceará Grande*. O *Itinerário* foi escrito pelo próprio Frei Caneca, até o momento em que saiu do oratório para ser fuzilado, e foi publicado pela *Coleção Formadores do Brasil* (1994).

Joaquim da Silva Rabelo (1779-1825), o Frei Caneca, foi um carmelita turonense nascido no Recife. Frei Caneca foi professor de Retórica e Geometria em 1803, atuou como jornalista no seu periódico *Typhis Pernambucano* (1823-1824) e escreveu várias obras políticas que tratavam do contexto pernambucano e das demais províncias da época. O importante a mencionar são suas participações como revolucionário, sobretudo, de seu envolvimento com a Confederação do Equador, de

1824. No início da Confederação, Frei Caneca desenvolvia atividade jornalística, posteriormente, atuava nas funções de Secretário das tropas sublevadas quando foi detido pelas tropas imperiais, foi julgado e acusado do crime de sedição e rebelião contra as ordens do Imperador, e condenado à morte por enforcamento. Como não houve nenhum carrasco capaz de enforcá-lo, terminou sendo fuzilado próximo ao Forte das Cinco Pontas, no Recife.

Frei Caneca foi o elo liberal radical que ligava Cipriano Barata, um dos líderes da Conjuração dos Alfaiates, de 1798, e de outros levantes, a Abreu e Lima através das revoluções pernambucano-nordestinas de 1817 e 1824⁷. A relação entre Frei Caneca e Abreu e Lima ainda carece de um trabalho em que se explique melhor a aproximação entre os dois. A hipótese que consideramos é a de que Abreu e Lima tenha tido mais contato com o religioso no tempo em que estudou no Seminário de Olinda e durante a Revolução Pernambucana de 1817, onde Frei Caneca atuou ativamente. O *Itinerário* é escrito em terceira pessoa, onde Frei Caneca narra os momentos em que estava ao lado de seus companheiros, dentre eles, João Soares Lisboa, Francisco de Souza e o coronel José Antônio Ferreira, e as ações são datadas até o dia 22 de dezembro de 1824.

Abreu e Lima continua a narração em seus *Escritos* descrevendo os acontecimentos que se seguiram após o momento em que Frei Caneca parou de escrever, e retoma a datação do dia 20 de dezembro de 1824 até 18 de maio de 1825. Não há no documento a informação de quando Abreu e Lima escreveu o texto, e é válido mencionar que, de acordo com as biografias sobre o general, neste período ele se encontrava na América hispânica participando das batalhas libertárias. O objetivo principal do texto é fazer o resgate de um personagem da história brasileira e pernambucana. Os *Escritos* incluem uma narração de 14 páginas em terceira pessoa, em que se destaca a necessidade de se deixar na memória para que não ficasse no esquecimento o resultado das sentenças não só de Frei Caneca, mas também dos outros presos, como ele mesmo aponta. Além de narrar sobre o processo, que incluem os julgamentos e as catástrofes que se seguiram, Abreu e Lima também descreve com ênfase o dia da execução do Frei.

⁷Chacon, 1983, p. 64.

Trabalhar a temática da morte é o ponto mais importante para a construção dos *Escritos*. A narração de Abreu e Lima é linear, pois a partir de uma ordem cronológica, destacada por datas, horas e, algumas vezes, por períodos climáticos, serão abordados os episódios que antecederam a morte – neste ponto se sobressaem os espaços, mostrando o caminho que o religioso percorreu desde a masmorra, pela cadeia, passando pelo oratório até chegar ao patíbulo –, o dia do fuzilamento – em que o próprio Frei Caneca havia ensinado como deveriam amarrá-lo para ser o alvo, e o momento da execução –, e o que se seguiu após sua morte, destacando o que se passou no Recife naquele dia, e de quando os frades carmelitas turonenses recolheram as relíquias do Frei e levaram seu corpo para ser sepultado no seu convento. Ao longo da narrativa será construído um perfil de Frei Caneca. O narrador utiliza-se dos recursos da linguagem, como a função emotiva, para delinear o caráter do religioso, e o uso demorado de adjetivos para qualificar e mostrar que o personagem em questão foi um herói, e que, de certa maneira, Abreu e Lima estará questionando qual o lugar que Frei Caneca ocupa na história do Brasil. São inúmeros os exemplos dos adjetivos utilizados, que substituem o nome de Frei Caneca em várias passagens da narração e engrandecem o herói, como em “patrício”, o “sábio patriota”, “varão probo”, “virtuoso”, “herói pernambucano”, ou que tenta atenuar a situação de sofrimento por meio de palavra no diminutivo, quando usa o “carneirinho”. As figuras de linguagem como a hipérbole e a prosopopeia também entrelaçam-se ao texto e contribuem, sobretudo, na caracterização do clima no Recife após a morte de Frei Caneca.

Abreu e Lima complementa o perfil do Frei em meio a versos dedicados ao religioso. Os dois poemas que estão nos *Escritos* são inéditos, e somados a mais um, que dedicou à filha do Barão de Guararapes⁸, até o momento são os únicos de que temos notícia de que fez Abreu e Lima em suas raras tentativas de mergulho na ficção. Os Poemas dos *Escritos* têm como títulos “Soneto”⁹. Apesar de ter a estrutura do soneto italiano, com rimas ABBA ABBA CDC DCD, através da escansão observou-se que os dois sonetos têm versos livres, onde no primeiro soneto há uma regularidade dos versos

⁸O poema ainda não publicado é dedicado à Mariana de Sá e Albuquerque e foi escrito por Abreu e Lima na última década de sua vida, e pertence ao *Álbum de Recordações* de Mariana. O poema encontra-se em um acervo particular.

⁹Para efeito de análise, consideramos como primeiro e segundo sonetos.

decassílabos e hendecassílabos, mas no outro soneto estão presentes diferentes sílabas poéticas, como os eneassílabos, o dodecassílabo, os decassílabos. Com relação às rimas, elas são interpoladas, e quanto ao acento tônico permanecem as rimas graves, com exceção das rimas D do segundo soneto, que são agudas. De acordo com a coincidência dos sons, nos dois sonetos há rimas perfeitas, e de acordo com o valor das rimas, as rimas pobres são mais comuns nos dois, com exceção da rima C do terceto do primeiro soneto que é rica e da rima A dos quartetos do segundo soneto que também é uma rima rica.

A respeito da interpretação dos sonetos, observou-se que no primeiro será trabalhada a temática da morte ao lembrar que o herói morreu, mas que tinha o destino traçado para lutar pela liberdade, pelos povos e pela Pátria, e ao usar o substantivo “satélite” (v. 3) metaforicamente, para referir-se ao religioso, o sentido de herói como pessoa devotada a fazer o bem é retomado. Nos tercetos encontramos a descrição de como teria sido aquele dia, momento em que há um apelo para o emotivo, pois “até mesmo os insensíveis se abalaram” (v. 12) e em que há o uso da prosopopeia através da mistura entre os sentidos do humano e da natureza: as vistas se eclipsam como se fossem um corpo celeste (v. 10), o dia que se veste de negro manto (v. 13) e no fechamento do poema em que a natureza encontra-se chorando pela morte do herói (v. 14).

O segundo soneto está atrelado à temática da memória. Ao retomar implicitamente a lembrança da morte do Frei, ao fazer uso dos substantivos “estrage” (v. 3) e “horror” (v. 3) alude à catástrofe de sua morte, no primeiro verso há uma metáfora construída a partir da crueldade da imagem física que se entrelaça ao último verso deste primeiro quarteto, em que imagem passa a ser memória e há uma frase duvidosa, mas sem o sinal de interrogação: “será que o teu nome perpetua?” (v. 4). No quarteto seguinte, a palavra “memória” aparecerá no sétimo verso, momento em que ele lembra que ao longo da história muitos liberais foram assassinados por lutarem por seus objetivos, e mais uma vez ele menciona “imagem” neste sentido de opinar sobre uma personalidade, de memória: “saberá deles e dessa imagem tua?” (v. 8), e já usa o sinal de interrogação, como se agora quisesse reafirmar mais uma vez e ter a resposta, uma resposta que não ficasse silenciada com o tempo. Nos dois tercetos aparecerá palavras

que integram um campo semântico comum, o da resistência, como “dureza” (v. 9) e “fereza” (v. 11), e que mostram que mesmo apesar dos pedidos para que a sentença do Frei fosse mudada, na chave de ouro deste soneto mostram que os pedidos foram em vão, pois morria um liberal.

A partir da leitura dos *Escritos* ressaltamos a importância em se fazer o resgate deste documento, que pode ser considerado como registro, onde são narrados os acontecimentos que testemunham um episódio da história. No texto não há informações sobre as fontes que Abreu e Lima teria usado, onde ele estava no momento em que os fatos aconteceram, ou se ainda ele teria narrado a partir das experiências de uma terceira pessoa. Dessa forma, é válido considerar a iniciativa do general-escritor Abreu e Lima na tentativa de aproximação do texto com a ficção, em intercruciar uma narrativa histórica “imitando em sua escrita a tradição literária.”¹⁰

Referências bibliográficas

ABREU E LIMA, José Inácio de. *Escritos do General que seguiram o Itinerário que fez Frei Joaquim do Amor Divino Caneca*. Acervo do IAHGP.

CANDIDO, Antônio. *Formação da Literatura Brasileira- Momentos decisivos*. 14^o Edição. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2013.

CANECA, Frei Joaquim do Amor Divino. *Frei Joaquim do Amor Divino Caneca*. Organização e introdução de Evaldo Cabral de Mello. São Paulo: Ed. 34, 2001. 648 p. (Coleção Formadores do Brasil).

CHACON, Vamireh. *Abreu e Lima, General de Bolívar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

MATTOS, Selma Rinaldi de. *Para formar os brasileiros. O Compêndio da História do Brasil de Abreu e Lima e a expansão para dentro do Império do Brasil*. São Paulo: USP, 2007.

RICOUER, P. *Tempo e Narrativa*; Tradução Roberto Leal Ferreira; Revisão técnica Maria da Penha Villela- Petit- Campinas, SP: Papyrus, 1997.

¹⁰RICOUER, 1997, páginas 157-167.

ROMERO, Sílvio. *História da Literatura Brasileira*. 2º ed. Rio, H Garnier, Livreiro – Editor. 1903. Tomo Segundo.

VERÍSSIMO, José. *História da Literatura Brasileira*. Rio, Francisco Alves, 1916; 3º Ed. Rio, José Olympio, 1954. (5º Ed. 1969).

Site:

INSTITUTO ABREU E LIMA (www.institutoabreuelima.com.br).